

ETERNO RETORNO: UM NOVO EVANGELHO CONTRA O NIILISMO

Froilam José de Oliveira¹

Vagner Sassi²

RESUMO

O eterno retorno constitui um dos temas mais profundos da filosofia nietzschiana, propenso a gerar mal-entendidos ao senso comum e algumas controvérsias entre seus estudiosos mais destacados. O problema desse pensamento (abismal) decorre de uma aparente incompatibilidade entre sua fundamentação cosmológica (física) e seu efeito antropológico (experencial). Este artigo reúne excertos do próprio Nietzsche e alguns estudos de seus comentadores, com o fito de esclarecer o que seja o eterno retorno, com destaque para seu aspecto existencial, como tábua da salvação contra a crise resultante da *morte de Deus* e debacle dos valores instaurados pelo cristianismo e pela racionalidade moderna – o niilismo passivo.

Palavras-chave: Nietzsche. Zaratustra. Niilismo. Eterno Retorno.

¹ Bacharel em Filosofia pela FAE Centro Universitário. Poeta. *E-mail*: froilan@fae.edu

² Orientador da Pesquisa. Doutor em Filosofia. Professor de Filosofia na FAE Centro Universitário. *E-mail*: vagner@fae.edu

INTRODUÇÃO

O eterno retorno é uma das ideias mais profundas de Friedrich Nietzsche, a desafiar o pensamento contemporâneo como um enigma transversal. Com o objetivo de esclarecê-la, este artigo elenca alguns de seus comentadores, que se detiveram a uma análise mais pormenorizada do eterno retorno, com perspectivas nem sempre concordantes. Moura (2019, p. 278-79) exemplifica uma das disparidades:

Segundo Deleuze, o eterno retorno seria “seletivo” e, por isso, nem tudo retornará: as forças reativas não retornarão, “o homem pequeno, mesquinho, reativo não retornará”. Um eterno retorno seletivo? Isso seria equivalente a reintroduzir uma finalidade intencional no vir-a-ser, aquela mesma que Nietzsche banira desde o início.

O mal-entendido é frequente no âmbito dominado pelo senso comum, por considerar preponderantemente o eterno retorno em seu aspecto cosmológico, a ignorar seu alcance antropológico, a existência humana. O filósofo permite certa dubiedade ao apresentar sua doutrina como “científica” (NIETZSCHE, p. 180) e, por outro lado, como “o mais pesado dos pesos” (NIETZSCHE, p. 228-29), em que leva em conta uma escolha subjetiva, puramente existencial. Nietzsche não escapa inteiramente do *Zeitgeist*, ao estruturar seu pensamento com alusão discursiva coerente com o paradigma cientificista do século XIX.

Outra dificuldade para entender o eterno retorno, o que significa aceitá-lo, decorre de uma espécie de homem ainda condicionada às formas de niilismo negativo (dos valores utópicos), reativo (negação de todos os valores) e passivo (nada de vontade). O pensamento do eterno retorno, para muitos desses niilistas, é de pronto rechaçado como uma *maldição*. Para outros a boa nova nada significa, na medida em que não chegaram ao fundo do poço, “a forma mais extrema do niilismo: o nada” (NIETZSCHE, 2013, p. 180). A partir desse nada, o homem estaria preparado para acolher o eterno retorno como um novo evangelho.

No espectro teórico, o eterno retorno exige a elucidação de outras duas ideias nietzschianas: o niilismo e a morte de Deus (não necessariamente nessa ordem). Deleuze (1996, p. 256) escreve:

O reino do niilismo é poderoso. Exprime-se nos valores superiores à vida, mas também nos valores reativos que lhe tomam o lugar, e ainda no mundo sem valores do último dos homens. É sempre o elemento da depreciação que reina, o negativo como vontade de poder, a vontade como vontade de nada. [...] Nada de vontade, é a última transformação da vontade de nada. [...] A destruição ativa significa: o ponto, o momento de transmutação na

vontade de nada. A destruição torna-se ativa a partir do momento em que, sendo rompida a aliança entre as forças reativas e a vontade de nada, esta se converte e passa para o lado da afirmação.

Por que Nietzsche transmuta o significado ortodoxo de niilismo (não raro a ele dado como “filósofo do martelo”) para atribuir a Platão e ao Cristianismo o novo significado niilista? Platão criou uma dualidade metafísica entre dois mundos: o mundo inteligível, anímico, das ideias e das formas; e o mundo sensível, corpóreo, sombrio, ilusório. Do mundo inteligível, a alma é perfeita e imortal. Do mundo sensível, o corpo é imperfeito e transitório. O Cristianismo instituiu dogmaticamente a divisão entre corpo e alma. Os dois sistemas, o filosófico e o religioso, depreciam a vida, como que acorrentada aos instintos e ao pecado. Outras ideias de Nietzsche, entre as quais vontade de poder, transvaloração dos valores, além-do-homem, *amor fati*, todas coerentes com o eterno retorno, apontam para a afirmação da vida. Em *Ecce homo* (1987, p. 133), o filósofo reconhece: “Zaratustra com rigor indica num ponto toda a sua tarefa – que é também a minha – para que ninguém possa equivocar-se sobre seu rigoroso sentido: Zaratustra é afirmativo até à justificação e até mesmo ao resgate de todo o passado”. Em *Assim falou Zaratustra*, o próprio sábio se dirige aos seus discípulos: “Permaneçam fiéis à terra e não acreditem nos que vos falam de esperanças supraterras!”.

Acerca da morte de Deus, Machado (2011, p. 47-48) esclarece:

Nietzsche não quer provar que Deus não existe, como faziam os ateus. O que lhe interessa é mostrar como e por que surgiu e desapareceu a crença de que haveria um Deus. A “morte de Deus”, condição, pressuposto histórico dos principais temas expostos no Zaratustra, é a constatação do niilismo da modernidade; é o fato de que “a fé no Deus cristão deixou de ser plausível” (GC, § 343). [...] É o homem moderno o responsável pela perda da confiança em Deus, pela supressão da crença no mundo verdadeiro, originário da metafísica clássica e do cristianismo, pela substituição da teologia pela ciência, do sono dogmático pelo sonho antropológico. [...] A expressão “morte de Deus” é a constatação da ruptura que a modernidade introduz na história da cultura com o desaparecimento dos valores absolutos, das essências, do fundamento divino.

Em *A gaia ciência*, Nietzsche já dramatiza a morte de Deus pela boca do insensato, que procurava Deus com uma lanterna acesa em pleno dia. Ante o riso dos descrentes, “o louco saltou no meio deles e trespassou-os com o olhar”, para dizer-lhes em seguida que todos haviam matado Deus. No final do aforismo 125, o louco encerra sua conversa: “O que são estas igrejas mais do que túmulos e monumentos fúnebres de Deus?”.

O niilismo reativo e a morte de Deus são fenômenos relacionados, cuja consequência mais grave é o nada de vontade, o sem sentido da vida, o niilismo passivo

que se evidencia cada vez mais. O momento é oportuno para a recuperação do homem (pós-moderno), para o qual o eterno retorno deverá ser um novo evangelho.

1 PENSAMENTO ABISMAL

A elucidação do que seja o pensamento do eterno retorno, antes da participação de outros comentadores, começa pelo próprio Nietzsche. O aforismo 341 de *A gaia ciência* constitui uma introdução obrigatória à ideia desenvolvida alegoricamente em *Assim falou Zaratustra* e complementada referencialmente nos *Fragmentos póstumos*.

O peso mais pesado – E se, um dia ou uma noite, um demônio se viesse introduzir na tua suprema solidão e te dissesse: “Esta existência, tal como a levaste e a levaste até aqui, vai-te ser necessário recomeçá-la sem cessar; sem nada de novo; muito pelo contrário! A menor dor, o menor prazer, o menor pensamento, o menor suspiro, tudo o que pertence à vida voltará ainda a repetir-se, tudo o que nela há de indizivelmente grande e indizivelmente pequeno, tudo voltará a acontecer, e voltará a verificar-se na mesma ordem, segunda a mesma impiedosa sucessão... esta aranha também voltará a aparecer, este luar entre as árvores, e este instante, e eu também! A eterna ampulheta da vida será invertida sem descanso, e tu com ela, ínfima poeira das poeiras! Não te lançarias por terra, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio? A menos que já tenhas vivido um instante prodigioso em que lhe responderias: “Tu és um deus; nunca ouvi palavras tão divinas!”. Se este pensamento te dominasse, talvez te transformasse e talvez te aniquilasse; havias de te perguntar a propósito de tudo: “Queres isto? E querê-lo outra vez? Uma vez? Sempre? Até ao infinito?” E esta questão pesaria sobre ti com um peso decisivo e terrível! Ou então, ah!, como será necessário que te ames a ti próprio e que ames a vida para nunca mais desejar outra coisa além dessa suprema confirmação!

A partir desse aforismo, pode-se argumentar que o eterno retorno é uma possibilidade, uma hipótese – “e se...”. Nisso concordam Rosset (1983) e Haar (1993), citado por Machado (2011, p. 151). O que é efetivo nessa hipótese é a escolha que o homem deve fazer, em seu inescapável solipsismo, entre a aceitação da própria vida e sua depreciação.

Esse momento da escolha é retomado por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*: “Alto lá, anão!... Eu, ou tu! Mas eu sou o mais forte de nós dois —: tu não conheces meu pensamento abismal! Esse – não poderias suportar!”. O anão representa o último homem, niilista, para o qual a vida é um peso insuportável. Mais leve, sem o anão em seus ombros, Zaratustra fala ao seu interlocutor de pouca estatura:

Olha esse portal, anão! ... ele tem duas faces. Dois caminhos aqui se encontram: ninguém ainda os trilhou até o fim. Essa longa rua para trás: ela dura uma eternidade. E a longa rua para lá – isso é outra eternidade. Eles não se contradizem, esses caminhos; eles se chocam frontalmente: – é aqui, neste portal, que eles se encontram. O nome do portal está em cima: <Instante>. Mas, se alguém seguisse por um deles – sempre mais adiante e mais longe: acredita, anão, que esses caminhos se contradizem eternamente? ... Desde esse portal, uma longa rua eterna conduz para trás: atrás de nós uma eternidade. Tudo aquilo que pode andar, de todas as coisas, não tem de haver percorrido esta rua alguma vez? Tudo aquilo que pode ocorrer, de todas as coisas, não tem de haver ocorrido, sido feito, transcrito alguma vez? E se tudo já esteve aí, que achas, anão, desse instante? Também esse portal não deve já – ter estado aí? E todas as coisas não se acham tão firmemente atadas que esse instante carregue consigo todas as coisas por vir? Portanto – também a si mesmo?

Nesse diálogo com o anão, Zaratustra junta o ponto de vista cosmológico e o antropológico do eterno retorno: a repetição do próprio instante e o si mesmo como existência.

Em *O convaléscente* (NIETZSCHE, 2011), Zaratustra retorna à caverna e dirige-se ao pensamento abismal, clama por ele com a coragem de quem subiu e desceu montanhas para acolhê-lo. Ao encontrar-se com a própria profundidade, o sábio desmaia e permanece como morto por muito tempo. Acorda-se entre os animais que vieram vê-lo em sua convalescência. Após sete dias, já recuperado, Zaratustra se sente o além-do-homem. Os animais já internalizaram o eterno retorno:

Para os que pensam como nós, as próprias coisas dançam: vêm, dão-se as mãos, riem, fogem – e retornam. Tudo vem, tudo retorna; rola eternamente a roda do ser. Tudo morre, tudo volta a florescer, corre eternamente o ano do ser... Em cada instante começa o ser; em redor de todo Aqui rola a esfera Ali. O centro está em toda parte. Curva é a trilha da eternidade.... Canta e extravasa, ó Zaratustra... Teus animais bem sabem, ó Zaratustra, quem tu és e tens de tornar-te: eis que és o mestre do eterno retorno – é esse agora o teu destino!

A canção do Sim e Amém que Zaratustra entoava repete a cada leitura dos selos o verso “Pois eu te amo, ó eternidade!”. Mais adiante, no Canto ébrio, Zaratustra se dirige aos homens superiores, a perguntar-lhes se alguma vez disseram Sim a um prazer. Em caso positivo, eles disseram também Sim a todo sofrimento, na medida em que todas as coisas mantêm um liame entre si. Da mesma forma, “Se um dia quisestes duas vezes o que houve uma vez, se algum dia dissesstes ‘tu me agradas, felicidade! Vem, instante!’, então quisestes que tudo voltasse!”.

Em diversos fragmentos publicados postumamente, Nietzsche dedica-se a esclarecer a seu pensamento, ou doutrina destinada às almas libérrimas. Moura destaca

um desses fragmentos: “Mesmo admitindo que a repetição cíclica seja apenas uma verossimilhança ou uma possibilidade, basta o pensamento de uma possibilidade para nos emocionar e nos transformar, da mesma forma como sentimentos e esperanças”. Neste aspecto, o eterno retorno não tem o compromisso com a certeza, com a verdade, à semelhança de outros evangelhos da ortodoxia religiosa. A perspectiva mais existencial dessa doutrina é que se deve viver de tal modo a desejar viver outra vez os mesmos momentos, pequenos ou grandes, a “menor dor”, o “menor prazer”, tudo outra vez.

O anão não poderia acompanhar Zaratustra, por ser incapaz de suportar o “pensamento abismal” do eterno retorno – uma *maldição* para o niilista, “o tipo mais doentio de homem”. Ao invés de peso, há leveza no eterno retorno para poucos, entre estes Zaratustra. Neste aspecto, é possível deduzir uma finalidade na doutrina, que é de separar os mais fortes, aqueles que “não necessitam de nenhum princípio extremo de fé, aqueles que “amam uma boa parcela de acaso”, aqueles “que estão à altura da maioria das infelicidades e que, por isso, não precisam temer tanto as infelicidades” (NIETZSCHE, 2013, p.183-184).

Até que se manteve lúcido, Nietzsche retoma seu Zaratustra, como no seguinte aforismo publicado postumamente:

[...] Supondo que digamos *sim* em um único instante, então não dissemos *sim* apenas para nós mesmos, mas também para toda a existência. Pois não se acha nada por si, nem em nós mesmos nem nas coisas: e se apenas uma única vez nossa alma tiver tremido e entoadado uma corda de alegria, então foram necessárias todas as eternidades para condicionar esse acontecimento uno – e toda eternidade foi bem-vinda, redimida, justificada e afirmada nesse único instante de nosso dizer *sim*. (NIETZSCHE, 2013, p. 256)

Ao dizer toda a eternidade redimida, numa linguagem referencial significa aceitar o passado, por fim ao ressentimento ou ao *espírito de vingança*. Não mais o “Foi”, que motivaria o “ranger de dentes” (descrito acima), mas o querer, o dizer *Sim*.

2 INSTRUMENTO DE CULTURA

Entre os comentadores do pensamento do eterno retorno, Patrick Wotling se destaca na resolução do problema de incompatibilidade entre a face cosmológica e a antropológica desse pensamento nietzschiano. A eterna repetição do mesmo não possibilitaria a ação criadora do projeto de Nietzsche, que começa com a constatação de um acontecimento único – a morte de Deus – e a proposta também extraordinária do além-do-homem. Heidegger (2015) já destacara a insuficiência tanto da “tentativa de explicação baseada nas ciências naturais e o anúncio poético-religioso” do eterno retorno.

Para Wotling (2013) a empreitada de Nietzsche é muito mais radical, uma vez que o eterno retorno se situa numa coordenada de transvalorar todos os valores ainda remanescentes e se anuncia como um novo centro de gravidade. O pensamento do eterno retorno não pretende substituir o deus morto, “mas a destruir a possibilidade mesma que um ideal, qualquer que seja, ocupe esse lugar” (WOTLING, 2013, p. 416). Nesse aspecto, o pensamento nietzschiano não pode ser visto como investido de caráter religioso. Nietzsche esclarecera: “Falo como alguém que passou por uma revelação? Então, desprezai-me e não me ouvi. – Sois vós aqueles que necessitam de deuses? Vossa razão não sente nojo quando se deixa alimentar de maneira tão gratuita e ruim?” (NIETZSCHE, apud WOTLING, 2013, p. 416).

A despeito das variantes suscitadas pela interpretação, Wotling (2013, p. 417) destaca “uma notável coerência entre a apresentação do eterno retorno e a elaboração do questionamento nietzschiano acerca da cultura”. O próprio Nietzsche assim esclarece num dos fragmentos póstumos: “Minha filosofia traz o pensamento triunfante, pela qual todos os outros modos de pensar sucumbem. Trata-se do grande pensamento seletivo”. Esses textos, segundo Wotling,

mostram sem ambiguidade que é a referência ao conceito de *Züchtung* e, com isso, ao conjunto do projeto criador de Nietzsche, que dá seu sentido ao eterno retorno. [...] a teorização nietzschiana mostrou, além disso, que não há cultura sem ação de instrumentos de seleção que orientem o desenvolvimento do homem. Quais são esses instrumentos no caso da cultura superior que Nietzsche quer substituir ao niilismo europeu, como chegar a instaurar efetivamente essa nova cultura? Tal é a questão à qual a doutrina do eterno retorno deve responder.

A par de ser um instrumento de cultura, o pensamento do eterno retorno propõe a seleção de um tipo superior, o além-do-homem. Nem metafísica, como falta apontada por Heidegger, nem religião. Ao se referir à doutrina do eterno retorno como “religião das religiões”, destaca Wotling (2013, p. 420), Nietzsche o faz “para evocar o estatuto de instrumento de cultura, de instrumento de seleção que está ligado a toda religião (e não somente ao cristianismo), tal como o mostram sobretudo os aforismos 61 e 62 de *Para além de bem e mal*”.

O caráter *seletivo* do eterno retorno remete, como já foi expresso acima, ao problema da contradição: “se esse pensamento afirma a repetição eterna e invariável de todas as coisas, como conceber que ela pode implicar uma modificação real?” (WOTLING, 2013, p. 422). O comentador admite que é incontornável essa contradição interna no pensamento do eterno retorno e conclui que

a especificidade do pensamento de Nietzsche reside em que ele procede justamente da recusa do modo teórico de análise; é apenas pela perspectiva

da práxis cultural que esse pensamento faz sentido. [...] Portanto, é vão querer compreender o pensamento do eterno retorno como um conteúdo teórico suscetível de ser objeto de uma enunciação: ele não é uma representação, mas uma avaliação. Ele é fundamentalmente uma experiência, um pensamento que deve ser vivido, isto é, incorporado, assimilado. (WOTLING, 2013, pp. 424-425)

Nietzsche não está preocupado em demonstrar uma verdade apriorística, uma “validade teórica” do pensamento do eterno retorno, mas de certificar a capacidade instrumental na efetivação de seu projeto. Wotling (2013, p. 427) cita o exemplo a danação eterna do cristianismo, em que não há veracidade, todavia, muita eficiência prática.

3 SUTIL DESVELAMENTO

Em princípio, adverte Klossowski (1986) é quase impossível falar do pensamento de Nietzsche sem se referir ao que já foi dito, a questões de todo superadas. A inclusão desse pensador francês no presente artigo se justifica pelo viés original com que ele comenta acerca do eterno retorno. Eis a primeira amostra:

O pensamento do eterno retorno do mesmo se apresenta a Nietzsche como um brusco despertar ao modo de uma *Stimmung*, de uma certa tonalidade da alma: confundido com essa *Stimmung*, o pensamento se desprende dela como pensamento; não obstante, mantém o caráter de uma revelação – quer dizer, de um sutil desvelamento. (KLOSSOWSKI, 1986, p. 64, tradução nossa)

Em seguida, o comentador pergunta “qual é a função do esquecimento nessa revelação?” (KLOSSOWSKI, 1986). Seu pressuposto especulativo é de que o esquecimento constitui a origem e a condição para que o eterno retorno se revele e transforme de uma vez a identidade daquele a quem o pensamento se revela. O eterno devir e a identidade ontológica são subsumidos pelo esquecimento. Ao se revelar o eterno retorno, sua necessidade, o indivíduo deixa de ser o que foi até então, suscetível de vir a ser outros (*ibid*, p. 64).

Para que a vontade (de poder) intervenha sob o pensamento do eterno retorno e se reconstrua como instrumento de criação é necessário o esquecimento, uma vez que ela está submetida à irreversibilidade do tempo. Klossowski (1986, p. 72-73) assim disserta: “Nietzsche busca recobrar a alucinação a nível consciente por uma cura analítica da vontade: qual é a sua relação com o tempo tridimensional (passado-presente-futuro)? A vontade não pode reverter o curso do tempo”. A vontade é impotente para acessar ao não desejado que já ocorreu. Do sentimento de impotência nasce o espírito de vingança. Vingança contra o que é irredutível, contra a própria existência – que merece punição.

A superação do espírito de vingança é adiantada por Nietzsche no aforismo 341 de *A gaia ciência* (transcrito acima): voltar querer o não querido, como forma de (re) assumir o vivido e convertê-lo em não consumado, desejando-o outras vezes. Não há contradição entre esse querer outra vez o que já passou e o esquecimento, porque este ocorre em relação à circularidade do movimento de retorno (não ao conteúdo imediato do vivido).

4 AFIRMAÇÃO DA VIDA

Roberto Machado escreve *Zaratustra, tragédia nietzschiana* (2011), em que analisa os temas mais originais de Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*. A terceira e última parte do livro é inteiramente dedicada ao pensamento do eterno retorno (do instante).

Machado começa pela leitura comentada do capítulo *Da visão e do enigma*, ao julgá-lo “um dos mais importantes do livro por ser o primeiro capítulo a enunciar, de modo explícito, o pensamento do eterno retorno” (2011, p. 120). Zaratustra conta aos marinheiros do navio em que embarcou a conversa que teve com um anão (parte já transcrita acima). Zaratustra se irritou com as conclusões apressadas do anão sobre a circularidade do tempo e o eterno retorno.

O anão “personifica o niilismo, o espírito do negativo, a perspectiva do bem e da verdade introduzida por Sócrates e Platão na filosofia e pelo cristianismo na religião”. Para usar a razão, o mesmo instrumento do anão, Zaratustra “leva às últimas consequências o pensamento de que o tempo é um círculo”. Ao fazê-lo, quer que o anão entenda que “esse pensamento é pesado demais” para si (*ibid*, p. 122).

Zaratustra, de acordo com Heidegger (2015, p. 123-24), “desloca a questão dos caminhos para o portal, do passado e do futuro para o instante”.

Desse portal chamado instante, uma longa, eterna rua leva para trás: às nossas costas há uma eternidade. Tudo aquilo que pode caminhar, não deve, uma vez, ter percorrido esta rua? Tudo aquilo que pode acontecer, não deve, uma vez, ter acontecido, passado, transcorrido? E se tudo já existiu: que achas, anão, desse instante? Também esse portal já não deve – ter existido? E não estão todas as coisas tão encadeadas, que este instante arrasta consigo todas as coisas vindouras? Portanto – também a si mesmo? Porque aquilo, de todas as coisas, que pode caminhar, deverá ainda uma vez percorrer – também esta longa rua que leva para frente? E essa lenta aranha que rasteja ao luar, e o próprio luar, e eu e tu no portal, cochichando um com o outro de coisas eternas – não devemos, todos, já ter estado aqui? (NIETZSCHE, 2011, p. 150-51)

O que Zaratustra fala ao anão não pode ser entendido ao pé da letra, mas como uma forma metafórica de negar um tempo inicial, “um estado de ser antes do devir”, ou que o tempo tenha fim, “um estado de ser depois do devir” (HEIDEGGER, 2015, p. 124).

O comentador enfatiza ao destacar essas passagens o aspecto cosmológico do eterno retorno, o qual é difícil de se sustentar na evolução de Zaratustra. As questões colocadas ao anão ficam sem respostas, porque esse interlocutor desaparece, vencido. O próprio Zaratustra confessa não estar preparado ainda para saber o que seja seu “pensamento abismal”.

A conversa com os marinheiros continua com o relato de outro episódio. A caminhar sobre uns rochedos, Zaratustra encontra um jovem pastor deitado a se contorcer de dor, apavorado, porque uma negra e pesada serpente pende de sua boca. Num esforço sobre-humano, Zaratustra tenta puxar a serpente, mas ela está presa à garganta do rapaz, que, orientado por Zaratustra, morde a cabeça da serpente, decepa-a e cospe longe. “Zaratustra conclui, assim, o relato de sua visão enigmática: ‘Não mais pastor, não mais homem – um ser transformado, transfigurado, que ria!’” (*Idem, ibidem*, p. 125).

Para Machado, a interpretação da visão de Zaratustra exige o conhecimento de quem é o jovem pastor e a negra e pesada serpente.

Ora, dois textos de “O convalescente” permitem esclarecer essas questões. Uma passagem evidencia que o jovem pastor em cuja garganta se insinuou a negra e pesada serpente é o próprio Zaratustra. [...] A serpente encarna o niilismo. “O grande fastio que sinto do homem – isto penetrara em minha garganta e me sufocava”.

Depois de começar pela cosmologia do eterno retorno, Machado (2011) destaca como mais importante no pensamento nietzschiano a afirmação da vida, a aceitação de que cada instante vivido possa retornar outras vezes.

CONCLUSÃO

O pensamento do eterno retorno permite as interpretações mais distintas, como o é demonstrado acima, em vista de seu espectro amplo que se inter-relaciona a outros temas recorrentes da filosofia nietzschiana, principalmente a *morte de Deus* e o *niilismo*. Nietzsche evolui com a sua hipótese, por intermédio de Zaratustra, que se isola na solidão da montanha e perfaz caminhos cada vez mais difíceis, a buscar a aproximação ou o distanciamento dos homens. Nesse périplo, Zaratustra percebe as

limitações da ideia original do eterno retorno, que não pode ser do *mesmo*. O eterno retorno do mesmo não possibilitaria a mudança, a ser instaurada pela criação de novos valores. Por isso, ele sorri de seus animais, “bufões e realejos”, que repetem o eterno retorno das mesmas coisas eternamente, à maneira de um determinismo inexorável.

Desde o *Prólogo*, Zaratustra aponta para o verdadeiro sentido do pensamento transformador, vinculado à práxis, experiencial. Esse sentido é dado pela afirmação da vida: “Eu vós imploro, irmãos, permaneceis fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supratereenas” (NIETZSCHE, 2011, p. 14). No primeiro discurso, *Das três metamorfoses* (*ibid*, p. 27), a transformação começa pelo espírito, que deve superar a reverência (camelo) e a intrepidez (leão), para atuar com inocência (criança), qual um “novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um sagrado dizer-sim” (*ibid*, p. 27-29).

Um século e pouco depois de Nietzsche, o homem ocidental contemporâneo (pertencente ao tipo europeu), ou reage ao sem sentido da vida com individualismo, ou sucumbe à crise existencial arrastado pelo niilismo passivo, sem nada de vontade. As redes sociais têm veiculado o tipo narcísico (leão sem liberdade), capaz apenas de valorizar a si mesmo. O niilista, no extremo oposto, contempla o fundo do poço, incapaz de sair de lá (camelo exaurido de suas forças). Para esse tipo só há uma forma de salvação: o acolhimento imediato do eterno retorno, como pensamento a ser vivido.

REFERÊNCIAS

KLOSSOWSKI, Pierre. **Nietzsche y el círculo vicioso**. Tradução para o espanhol: Roxana Páez. La Plata-Argentina: Terramar Ediciones, 1986.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MOURA, Carlos A. R. de. **Nietzsche: civilização e cultura**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução: Alfredo Margarido. 4. ed. Lisboa-Portugal: Guimarães Editores Ltda., 1987.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Tradução e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos: 1887-1889**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. v. 6.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche: seminários de 1937 e 1944**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

WOTLING, Patrick. **Nietzsche e o problema da civilização**. Tradução: Vinicius de Andrade. Apresentação e revisão técnica: Scarlett Marton. Revisão da tradução: Maria Aparecida Correa-Paty. São Paulo: Barcarolla, 2013.

GLOSSÁRIO

Zeitgeist: Espírito da época.

Amor fati: Expressão latina que significa ‘amor ao destino’, aceitação integral da vida como ela é (associado ao eterno retorno).

Solipsismo: Doutrina filosófica que se pauta numa única realidade, o eu empírico, segundo a qual nada existe fora do pensamento individual. Por extensão, pessoa que vive e pensa solitariamente.

Züchtung: Ação transformadora, formadora de uma determinada cultura a partir da genealogia dos instintos (no sentido nietzschiano).

Stimmung: O termo teve seu significado transposto da música por Kant, que o empregou como estado de ânimo, ou disposição das faculdades cognitivas, vivida como uma sensação privada.